

Ceará

O Crato é uma cidade do interior do Ceará, conhecida por ser berço de cultura, riquezas naturais e povo acolhedor. Nesta cidade, tem um lugar que reúne todas essas características: é a comunidade Carrapato. Esse nome foi dado em virtude da Mamona, uma planta encontrada em abundância no local, cujo fruto “prega” como um carrapato. Localizada na zona rural, lá podemos apreciar as riquezas e pessoas que fazem desse lugar um verdadeiro tesouro.



Dona Maria, agricultora e produtora do óleo do babaçu.

A comunidade Carrapato e seus encantos

Bem no sopé da Chapada do Araripe, a Comunidade Carrapato agrega 240 moradores, com sua maioria, vivendo por lá desde que nasceu - é o caso dos personagens que nos contam essa história...

Ao chegar na comunidade, a recepção é feita por Magaivel, morador, artista e ativista respeitado por todos. Além dele, o presidente da associação, Samuel Nascimento apresentou a sede da associação, onde acontece reuniões e manifestações culturais como as apresentações do Maracatu Uinú Erê, além de ter uma rádio comunitária no espaço.

Na localidade tem o Rio Granjeiro que, segundo Magaivel a comunidade fez um reflorestamento de toda margem, um trabalho que começou há 14 anos e continua com o projeto de criação de um parque ecológico que está em fase de aprovação de implantação junto ao Governo Municipal.



Sofia, Magaivel e Samuel contando sobre o baobá e o reflorestamento.



Dona Maria e seu esposo Tico Belo.



Gugu contando lendas sobre a natureza.

Os moradores tem o cuidado em manter suas sementes e o equilíbrio entre as pessoas e a natureza. Roni, que se identifica como agricultor experimental e artesão, diz que “tem que ter a visão de guardar as sementes, porque são elas que dão sentido à vida. A monocultura das grandes empresas, os experimentos de modificação das sementes, não nos interessa porque não traz nossa identidade”. Além disso, o loteamento de terras e o turismo não planejado traz muitos problemas para o meio ambiente, como a poluição dos rios e ameaça a vegetação nativa como o buriti.

“Desde muito tempo, os coronéis e outras pessoas poderosas se apropriaram da nossa cultura, dos nossos saberes ancestrais e nossas terras. Teve o tempo da cana de açúcar, da agricultura de sequeiro e hoje temos a produção de cachaça artesanal, mas que poderia ser fortalecida com o buriti, através de geleias, doces e artesanatos”. Roni, conhecedor da história da comunidade desde o princípio, traz como bandeira a sustentabilidade e o bem viver no semiárido.

Dona Maria, mulher de uma força extraordinária, cuida da casa e divide as tarefas do roçado com seu esposo, seu Tico Belo. A principal atividade é o beneficiamento do coco babaçu, com a extração e comercialização do óleo que acontece principalmente na feira da comunidade, realizada quinzenalmente, aos sábados. Maria nos conta sobre a paixão em realizar essa atividade e da dificuldade em repassar a tradição para os mais jovens, “não é uma lida fácil, é muito sofrido, é um trabalho que a gente só faz porque tem coragem. Esse povo novo não tem interesse nesse tipo de trabalho”, comenta a agricultora.

Andando um pouco mais, conhecemos Gugu, indígena, conhecedor das tradições e da ancestralidade do seu povo, que apresentou a roda mística do baobá, árvore nativa africana. Gugu fala sobre a forte energia espiritual, a astrologia e os encantados, que são os seres da mata, da terra, do ar, das águas e sobre a influência das estrelas nos ciclos da natureza.



“Cratinho de açúcar, Tijolo de buriti”

Luis Gonzaga

Roni, guardião de sementes e saberes da comunidade.